

Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Culturas e história dos povos indígenas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6682016091

CAPÍTULO 2..... 13

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

DOI 10.22533/at.ed.6682016092

CAPÍTULO 3..... 23

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

DOI 10.22533/at.ed.6682016093

CAPÍTULO 4 37

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6682016094

CAPÍTULO 5..... 51

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6682016095

CAPÍTULO 6..... 63

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

DOI 10.22533/at.ed.6682016096

CAPÍTULO 7	77
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6682016097	
CAPÍTULO 8	88
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
DOI 10.22533/at.ed.6682016098	
CAPÍTULO 9	97
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6682016099	
CAPÍTULO 10	107
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.66820160910	
CAPÍTULO 11	119
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66820160911	
CAPÍTULO 12	132
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66820160912	
CAPÍTULO 13	146
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.66820160913

CAPÍTULO 14..... 160

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta

Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

CAPÍTULO 15..... 175

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

CAPÍTULO 16..... 187

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

CAPÍTULO 17..... 202

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita

Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

CAPÍTULO 18..... 218

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

CAPÍTULO 19..... 229

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

CAPÍTULO 20..... 238

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos

Nancy Zarate Castillo

DOI 10.22533/at.ed.66820160920

CAPÍTULO 21.....248

A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII

Antonio Martins Ramos

DOI 10.22533/at.ed.66820160921

CAPÍTULO 22.....258

INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco

Divane de Vargas

DOI 10.22533/at.ed.66820160922

CAPÍTULO 23.....271

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK

Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro

DOI 10.22533/at.ed.66820160923

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283

ÍNDICE REMISSIVO.....284

TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE

Data de aceite: 01/09/2020

Regina Cláudia Morais de Souza

Licenciatura em história –UFAC

RESUMO: Trabalho cênico e teórico “*Ikuãni*”, cuja o objeto investigado aborda o Corpo da Ancestralidade, trata da decodificação que movimenta cotidianamente a mulher (aĩbu) *Huni kuin**, ou mesmo a, mulher gavião que acorda às 5h da manhã ao som do canto do jacú (*kebu tikiri iki*) para colher algodão cantando e pedindo a força da aranha. Durante todos os dias a mulher gavião trabalha sem parar, até quando está sentada ou de cócoras está trabalhando tecendo redes e artesanato é a linguagem do corpo em movimento durante seus afazeres e sua organização estética e ritualística, além do canto que é fundamental nesta pesquisa, que se trata de um relato vivenciado por uma artista do teatro e da dança, se propondo a mergulhar no mundo das mulheres ancestrais.

PALAVRAS - CHAVE: Corpo, ancestralidade, *Kenes*, Estética, *Huni Kuin*

ABSTRACT: Scenic and theoretical work “*Ikuãni*”, whose investigated object addresses the Body of Ancestrality, deals with the decoding that daily moves the woman (aĩbu) *Huni kuin **, or even, the hawk woman who wakes up at 5 am to the sound of jacú corner (*kebu tikiri iki*) to harvest cotton singing and asking for the strength of the spider.

Every day the hawk woman works non-stop, even when sitting or squatting, working weaving hammocks and handicrafts is the language of the body in motion during its chores and its aesthetic and ritualistic organization, in addition to the singing that is fundamental in this research, that it is a story experienced by a theater and dance artist, proposing to dive into the world of ancestral women.

KEYWORDS: body, ancestry *kenes*, Aesthetics, *Huni Kuin*

A PINTURA DIÁRIA DO NANE

Cheguei à aldeia nomeada de Lago Lindo pertencente à Terra Indígena Seringal Independência de propriedade do povo *Huni Huin*, localizada as margens do rio Tarauacá município do Jordão-Ac às 19h da noite em uma canoa, movida por um motor rabeta. Após uma viagem de 08h horas, fomos recebidos com gritos de boas-vindas. Naquela ocasião fui muito bem recebida e acolhida na referida localidade. Na manhã do dia seguinte, tomei meu jejum no espaço principal que foi construído para os convidados, a comida era bem típica: tapioca, milho cozido, café, bananas e macaxeira cozida, comi e já desci para o *kupixawa*¹, procurei me informar como conseguiria pintar o meu corpo, pintura tradicional *huni kuin*. Logo apareceram várias mulheres se dispondo, cheguei à casa de uma e ela já foi me oferecendo macaxeira cozida para comer, como já havia comido preferi

¹ *Kupixawa* – Casa grande no centro da aldeia servi para reuniões, rituais do *nixipaem* e festas.

não aceitar. Naquela ocasião uma mulher (aĩbu)² pediu para eu sentar que ela ia pintar, enquanto ela pintava eu fotografava as pinturas, tudo isso durou cerca de 40 minutos. Elas riam muito, falavam muito rápido o Hãtxa hu-ni-kui³ e para falar nisso vale acentuar que a língua desse povo pertence a família linguística Pano⁴, contudo, extremamente difícil de aprender.

Fiquei observando e tentando entender o que elas falavam e foi assim a minha estadia inteira naquele lugar suave, agradável e aspecto sagrado. Todos os dias eu reforçava a pintura com o nane (jenipapo), pois ficaria muitos dias na aldeia e com o banho do rio logo vai enfraquecendo os *kenes*. Pintar o corpo de nane é a mesma coisa que se vestir e está pronta para dias intensos de trabalho espiritual, proteção e preparo do corpo para todas as vivências que estavam por acontecer.

Contudo, sentia-me preparada para tudo, meu espírito meu Yuxin⁵ sentia-se satisfeito e feliz, por que aquelas mulheres estavam ali todos os dias de festa compartilhando seus conhecimentos, doando seus saberes. Mas até então *Ikuâni* não havia surgido, nem se quer em pensamento.

A mulher *Huni kuin* e o seu ritual de entrega ao amanhecer, ao seu mundo, ao seu povo e a sua ancestralidade que é arraigada no seu DNA. As mulheres gavião carregam com elas uma força extraordinária, nessas horas o estado do ser se funde ao estado do corpo, da mente, e do espírito, capaz de ficar um longo período na mesma posição, com uma resistência física incrível. Ao mesmo tempo em que toda a sua performance no centro da floresta onde fica o seu roçado de mandioca ela faz repetidas vezes o mesmo movimento, puxa com suas mãos nuas no caule da planta e a arranca do fundo da terra o legume para o alimento do dia a dia.

Termina ali mais um ritual em um espaço de energia pura que é a floresta para iniciar um novo rito na aldeia. Alimentar sua família é uma responsabilidade exclusiva da mulher, como bem relatou Terezinha Kaxinawa: "cozinhamos e os homens comem e comem se deixar eles comem o dia todo, e se for preciso cozinhamos novamente".

As mulheres *Huni Kuin* trabalham o dia todo, fazendo diversos adornos, tais como: cuzma⁶, cinturão, bolsas ou fazendo os colares de miçanga. Elas sentam em círculo onde as meninas ainda muito novas observam e já tentam fazer junto, reproduzindo os *kenes* em tudo que fazem.

Ao cair da noite em dias comuns vão dormir cedo e em dia de festa, se preparam para o ritual do *nixipaem*,⁷ toma cipó *hunipaem* mira ao som das cantorias dos pajés e

2 Aĩbu –Mulher em Hatxa kuin

3 Hãtxa hu-ni-kui- denominação da língua do povo Huni kuin

4 LiguísticaPano - Descrita como linguística e culturalmente uniforme,[1] a família Pano foi proposta pela primeira vez pelo francês Raoul de la Grasserie em 1890. nesse trabalho, o autor considera que a família é constituída por sete línguas:

5 *Yuxin*- alma

6 Cuzma – Vestimenta ou vestido confeccionado de algodão cru.

7 *Nixipaem* e *Hunipaem*– bebida da cipó Jagube e da folha Chacrana.

txanas^{8*}, assim é a noite toda, as vezes tomamos mais de três vezes o *nixipaem*. No dia seguinte repete tudo novamente e no cair da tarde vem o *katxa nawa*^{9*} festa onde se dança o mariri^{10*} e se bebe muita caçuma^{11*} e a festa do *katxa nawa* inicia dentro da mata para o centro da aldeia, todos se apresentam pintados e ornamentados com palheiras e cocares de palha e de pena, por todo o corpo, pulando e cantando agradecendo a fartura de legume produzida no roçado. Essas tradições sempre são realizadas constantemente na aldeia e está presente no trabalho cênico de *Ikuâni*, homens e mulheres participam do ritual de agradecimento à colheita e da fartura.

Nessa observação participante entendi que minha visão de artista acabará de captar algo extraordinário que toda a movimentação das mulheres contribui para explorar a ideia de contemporaneidade constituindo performances cênicas esteticamente estruturadas incluindo além, do teatro, outras linguagens como música, a dança, as artes plásticas e o audiovisual nesta construção cênica que desenvolve para o espetáculo de dança/teatro *Ikuâni*.

O CORPO, ESTÉTICA E TRADIÇÃO HUNI KUIN

Quando falo de uma estética é porque na cultura *Huni Kuin* tudo é arte os adornos eles estão sempre presente com colares, cocares, pulseiras, pintura corporal, suas redes confeccionadas na tecelagem manualmente reproduzindo toda a sua grafia milenar das mestras dos *kenes*^{12*}, tudo está relacionado com a natureza, os animais as plantas e demais seres vivos. Após o jejum pintar *kenes* nos filhos e em si mesma, é um ritual que acontece constantemente no mínimo duas vezes por semana, elas reforçam a pintura corporal constantemente.

— Em diálogo, Ozelia Kaxinawa disse: “estou fazendo os desenhos (*kene*) que minha mãe me ensinou, ela pintava em mim, ela me ensinou *nawa kene*. As crianças deitadas no chão da casa e elas pintando com muita tranquilidade, depois aplicam *bawe*^{13*} (*sananga*) nos olhos para enxergar os desenhos que elas não consegue ver.

De acordo com Irene Macário Kaxinawa, “a Mulher que não sabe fazer *kene* homem nenhum quer casar, disse a mestra artesã. Continuou: “veja esse que está em cima é o *kene* do galho da árvore e esse do meio é *nawa kene* e esse outro que não terminei ainda é o *kene* da samaúma”. Ela me mostrava com muito entusiasmo tudo que fazia.

A origem do *kene* ou do grafismo kaxinawa, foi transmitido pelo encanto de uma jibóia ela ensinou a uma mulher a sua linda malha de *yubesheni*^{14*}, caminhando pela floresta

8 * Txanas – cantor ou contador de histórias.

9 * Katxanawa e katxa nawa- Festa dos legumes, em agradecimento a grande colheita.

10 * Mariri – Dança indígena em círculo, em pares e individual, bate com pé direito, arrasta o esquerdo.

11 * Caçuma – Bebida fermentada da macaxeira.

12 * Kenes – Grafismo do povo huni kuin, origem na mitologia da jibóia.

13 * Bawe – Sananga obtido por meio da extração de um sumo de planta brejeira em forma de arbusto, chamada Tabernaemontana Sananho.

14 * Yubesheni – Jibóia, mas não é qualquer Jibóia, é a jibóia branca ela é a encantada.

ela encontrou um filhote de jibóia, então ela guardou em seu cesto cheio de algodão recém colhido, não disse nada a ninguém. *A mulher kaxinawa, começou a pedir a força da jibóia, pois ela já considerava o filho da jiboia como seu, então a jiboia veio e explicou a mulher a sua força de malha dizendo: - Mãe kaxinawa, se você quer a minha roupa de malha, vai pegar um talo de ouricuri...e foi assim que medindo cada malha e falando cada nome do kene e desenhando, ela cumpriu a fala de seu filho jiboia que começou a ensinar a sua pintura tradicional.*

O nome dessa jibóia no passado era *Tere Beru*. A jibóia foi que entregou seu lindo Kene para a mulher *Kaxinawa*, mas não entregou tudo, ensinou só uma parte, porque a jibóia era macho e não podia ficar com a sua mãe *kaxinawa*, ele queria caçar e guerrear com outras etnias.

Nesse sentido, o trabalho se desenvolveu a partir das observações e vivências realizadas nas aldeias com as mulheres, resultando na criação de “Ikuãni” uma personagem que vive todas as tradições de seu povo e vivencia todas as mudanças com a chegada dos invasores brancos e colonizadores, levando Ikuãni para outro mundo, transformando-a e fazendo com que seu *Yuxin* “ saltem dos olhos, pois sem *yuxin*, todas as coisas tornam-se pó, restando somente casca vazia. Você toca nelas e elas se dissolvem e então você vê nada mais que cinzas, pó, acentuou “Antônio Pinheiro *Kaxinawa*”¹⁵.

Para o povo *Huni Kuin* eles quando ficam muito tempo distante da sua aldeia e de sua cultura, transformando-se em um não índio, um *nawa* ou até mesmo um *yuxin*, um ser sem forma, um vagante, sem pensamentos, perdido. Essa experiência tivemos com um parente *Huni Kuin* que fazia parte de nossa equipe de pesquisa, nasceu na aldeia, mas veio morar na cidade grande muito criança, junto com sua mãe, perdendo todos os seus laços culturais, quando voltou conosco para a aldeia junto com nossa equipe, não conseguiu ficar dois dias no local, ficou completamente fora de si um estranho um ser não indígena, — Já não é mais *Huni Kuin*, segundo o pajé (Agostinho *Ika Muru*¹⁶ “*In memoriam*”)

O corpo que não pertence mais aquela ancestralidade se perde no meio da cosmologia indígena, é uma experiência muito forte para um ser que um dia pertenceu aquele mundo, é como um choque de muitas voltagens, é preciso ser forte e preciso ter espírito e corpo *sam*, alguns aguentam a experiência, mais como o próprio pajé diz: -”não é possível mais voltar totalmente, *yuxin* não volta, vira nada, vira uma lembrança talvez, isso é relatado em uma experiência com a irmã do indígena que fugiu da aldeia, ela disse que em seu corpo e mente existem apenas lembranças de uma cultura e como um sonho”.

Nossa intenção não é tornar essa experiência generalizada, pois existem diversos relatos de indígenas que saem de sua aldeia para estudar e voltam, a exemplo disso, podemos citar dona Erundina Kaxianawa que é uma mestra que sempre está circulando entre aldeia as cidades de Tarauacá e Rio Branco, mas não perde sua identidade. Acredito

15 * Antônio Pinheiro kaxinawa-Jordão-Acre

16 * Agostinho *Ika Muru* – Pajé do povo *Huni kuin*, Jordão-Acre “*In memoria*”

que quando o pajé Agostinho e outros falam nessa perca do Yuxin, eles estão falando da violência como essas mulheres foram retiradas de suas aldeias, de seus parentes. Enquanto isso Darcy Ribeiro¹⁷ no livro “ O Povo Brasileiro” diz:

“Transfiguração étnica é o processo através do qual os povos, enquanto entidades culturais, nascem, se transforma e morrem. Tivemos oportunidade de estudá-lo tanto por observação direta, quanto por reconstrução histórica do impacto da civilização sobre as populações indígenas brasileiras no correr dos séculos, reconstituído em suas várias instâncias” (Darcy Ribeiro, 1995, p. 257).

Lembrando que Darcy Ribeiro, conceitua em três instâncias a transfiguração étnica, passando pela economia, ecologia e biótica.

Ainda no campo da ancestralidade as mestras dos *kenes* carregam consigo uma responsabilidade de transmitir o conhecimento para as jovens indígenas, além disso quando chegam na terceira idade elas iniciam um ritual pouco conhecido. A mestra “Erundina Josefa Kaxinawa”¹⁸ inicia a confecção de duas redes de algodão cru para cada filho antes de sua morte, dizendo ela que aquele era o seu último trabalho pois havia dois filhos homens que ela não tinha feito rede, era muito importante deixar para cada um deles, uma rede confeccionada por ela, tudo construído a mão, fio a fio, trabalhando o algodão primitivamente, seu corpo de mulher idosa mais ainda com muito vigor, sentada no chão da casa, batia o algodão em uma almofada, suas mãos deslizavam naquela matéria prima com muito cuidado, deixando o algodão no ponto de bater e depois fiar, para fiar na roca ela usava outra posição corporal. Elevava a perna esquerda e girava o fuso apoiando na perna, que visivelmente já havia uma espécie de calo, um local mais fundo de tanto o fuso ser manipulado naquele espaço, fazia isso com muito afinho de uma vida inteira.

“Preciso fazer rede, para meus dois filhos antes de partir, né, é meu trabalho, não posso mais fazer trabalho de roça, então vou fazer rede, trouxe meu algodão, aqui é tudo como manda a tradição”. 15 de julho de 2017 (Erundina Kaxinawa)

O DESAFIO

Meu desafio era trabalhar essa cosmologia em um corpo cênico, trazer essa ancestralidade para a cena, experimentar as experiências das mulheres com as quais eu só tive contato por alguns dias. Fiz muitas viagens em suas histórias e vivências algo que se localizava apenas no imaginário, fato que me conduzia automaticamente para seu lugar por diversas vezes, ficava horas na rede dentro do *kupixawa* escrevendo e visualizando essa mulher ancestral, esse corpo em seu dia a dia.

Quando passamos a trabalhar a dramaturgia e a corporificar essa história mítica,

17 * Darcy Ribeiro – Antropólogo, ensaísta, romancista e Político(1922 a 1997)

18 * Josefa Erundina Kaxinawa – Tarauacá-Acre 2007 a 2017

cuja sua essência ancestral e originária emerge possui uma verdade absoluta, foi a parte mais difícil do processo, pois tivemos que ficar horas dentro do teatro trazendo à tona toda expressão, sentimento e a performance física até a exaustão. Essa performance sempre baseada nas performances dos *Txanas* e das mulheres principalmente no ritual do *nixipaem*, essa passagem foi baseado na Antropologia da performance.

Segundo Turner (1988.p.7), o ritual indígena pode ser compreendido como o modo pelo qual um complexo de ações performáticas e meios de comunicação sensorial, visual e sonora, de grande variabilidade.

É assim o *Katxanawa* do povo Huni Kuin, mais mesmo as performances mais sutis tem um visual estético e sonoro tanto quanto as ações performáticas mais extraordinárias.

“Da perspectiva da antropologia da performance, acrescento ainda o caráter lúdico que o ritual e a arte da performance compartilham. Em ambos, a ação e a expressão corporal tomam a cena, o “meio torna-se a mensagem” mas é, ao mesmo tempo, o agente transformador. Assim ocorre com o estado de transe do xamã, resultado da dança e canto (respiração e movimento), cuja forma estética presentifica o ser metamorfoseado, bem como com a incorporação de personagens míticos no ritual cosmogônico. Ao lado da fisicalidade constitutiva da performance, esta mesma forma é o simulacro do eu, a experiência de que elementos que são *not me* se tornem *me* sem perder sua *not me-ness*. A maneira pela qual “eu” e “não-eu”, o performer e a coisa a ser performada, são transformados em “não...não-eu” é através do laboratório/ensaio/processo ritual. Este processo ocorre num tempo/espço liminar e no modo subjuntivo” “Turner p.112; 8.

AS MEMÓRIAS NO CORPO DE SUAS ANCESTRAIS

Muitas são as história de mulheres indígenas pega no dente do cachorro, é assim que o povo da floresta fala! Muitas famílias do Acre foram constituídas a partir dos sequestros de mulheres para suprir a necessidade dos seringueiros que vinham do nordeste. Sobre as “correrias”¹⁹ acontecidas no Acre são relatadas diversas cenas sobre esse assunto, às próprias indígenas que vivem hoje na aldeia contam muitas histórias de mulheres ancestrais que passaram por isso e nunca mais foram vistas. Elas... só as mulheres mais antigas lembram, eram crianças porém na memória ficou muito forte principalmente nas meninas órfãs, como bem preconizou Irene Macário Kaxinawa “Eles não escolhiam, saiam pegando as primeiras que aparecessem na frente, assim muitas que já eram mães eram levadas e seus filhos eram criados pelos parentes”. Quando essa experiência me foi relatada foi como se dentro de mim uma comichão tomava conta, um mal estar, um respiração ofegante uma memória não minha tomava conta de meu corpo do meu espírito, meu coração batia

19 * Correrias- Expedições armadas, promovida pelos patrões e seringalistas sobre os povos indígena no Estado do Acre entre as décadas de 30 a 70 por todo os territórios indígenas.

forte, era como se eu tivesse vivido aquilo, depois de três anos eu entendi tudo.

Depois de experimentar tantas vezes nos palcos do teatro essa mulher ancestral, já estava em mim, ela já morava em mim, a memória do corpo de minhas ancestrais, das mulheres da minha família da minha bisavô indígena, do meu povo do meu ser. E por que isso? Eu praticamente fiz tudo na intuição, todo o ritual de purificação e dieta do corpo espírito, continuei isso na cidade de Rio Branco-Ac, onde moro atualmente, mesmo distante da aldeia e daquelas mulheres que aprendi a admirar, e isso fez com que eu me aproximasse cada dia mais de *Ikuâni*, não foi fácil, mas foi prazeroso ver o resultado se reverberando em meu corpo de atriz e bailarina, trazendo à tona toda sonoridade do ser mulher nativa.

Na pesquisa sobre a movimentação cotidiana da mulher *Huni Kuin*, descobriu-se que quase tudo é dança, a ação e a expressão corporal tomam a cena, o “meio torna-se a mensagem”, mas é, ao mesmo tempo, o agente transformador, tudo tem um significado, tem um sentido, fazer o fogo pela manhã, por exemplo, é ritual e tem um conteúdo sagrado ali, tem um *Yuxibu*,²⁰ o ato de tomar banho de rio e de chuva, venerar a chuva, agradecer a natureza, e é essa performance que é mostrado em *Ikuâni*, em uma dança que repete e repete cotidianamente naquele banho em um tempo que não é esse de hoje, mas de um passado muito próximo, essa passagem de tempo se dentro da própria aldeia e possível sentir, mais não é fácil entender, não se corre, não se pensa no que vai fazer com preocupação, porém, se sente e faz.

O que quero dizer, é que essa mulher vive o momento ou melhor...cada momento é precioso demais para correr, por isso o tempo das mulheres de hoje é diferente do tempo vivido por nossas ancestrais. Nossas ancestrais incorporava o tempo em suas vivências como um rio calmo, mais atento! Nesse trabalho cênico “Ikuâni” o elemento humano é fundamental, a sensibilidade dessa mulher é mostrada a flor da pele, uma pele cheia de *kenes* como uma *Yube* (jiboia), o desenho contém o mundo, cada *kene* na sua pele pode se abrir e mostrar a porta para novas formas, novos significados para a arte da dança e da interpretação desse corpo e dessa mulher, que só existe hoje em nossa imaginação.

O SURGIMENTO DE IKUÂNI NA CENA

Em uma tarde no *Kupixawa* central da aldeia Lago Lindo, os txanas e pajés conversam, ao me aproximar do txana Ixâ²¹ ele me olhou dentro dos olhos e disse, seu nome é Ikuâni, de hoje em diante esse será o seu nome aqui na aldeia, Ikuâni quer dizer “abraçar o mundo inteiro”, embasbacada fiquei, pois achei o nome fantástico, naquela tarde eu fiquei pensando..., esse nome não me foi dado atoa. Estou aqui, não só para ampliar minha pesquisa na dança, na cultura indígena. Existe algo mais! Está além da minha

20 * Yuxibu – Grande espírito, todas as coisas da natureza tem, a floresta, a água a terra, pode ser para o bem ou para o mau

21 * Txana Ixâ - Grande cantador e contador de histórias do povo huni kuin- Jordão-Ac.

compreensão, ainda não conseguia visualizar o que estava por vim. Sai da aldeia com a sensação de que tinha uma missão para ser cumprida, não lembro mesmo quando foi que a tudo começou a fluir, porém foi alguns meses após a minha chegada, quando revirando o diário de bordo encontro o nome *Ikuâni* e dali adiante o processo de pesquisa corporal foi se intensificando no teatro, horas a fio de dedicação a uma mulher que estava no meu subconsciente.

Aos poucos fui dando corpo, ficar de cócoras parada e depois em movimento, se arrastar no chão do teatro como se tivesse em uma mata, sentir sua respiração ofegante na caça, na roça, ouvir os sons de pássaros e tentar imaginar cada reação dessa mulher, trazê-la a vida. Foram três longos anos até completar todo o ciclo dramaturgico da vida de *Ikuâni*. Além disso, compreender seu passado seu futuro não foi só escrever o roteiro cênico, mas escrever a experiência na aldeia era necessário.

Em outubro de 2015 apresento minha primeira narrativa sobre *Ikuâni* no 9º Seminário de Dança Angel Vianna da Faculdade de Dança Angel Vianna, até então era só o que tinha pronto, mais em março de 2016 ela nasce no espaço da Casa dos Povos da Floresta em Rio Branco-Ac, da floresta para o mundo o corpo da ancestralidade.

Ao Concluir essa parte da pesquisa, cheguei a seguinte conclusão “*Ikuâni*” é um ser da ancestralidade, de um tempo que vem sendo destruído pela própria ignorância do homem, pela ganância e pela sobreposição do ser em busca do ter, foi desafiador construir “*Ikuâni*” foi sofrido e extremamente prazeroso compreendê-la.

Pesquisa realizada com o povo *Huni Kuin* situado as margens do rio Jordão e rio Tarauacá do Estado do Acre, aldeia Lago Lindo.

Mulheres *huni kuin* da cidade do Jordão, artesãs e artistas do grupo *Kayatibu Jordão*²².

GLOSSÁRIO

O conceito ***Yuxin***— ao qual dedico longa análise em Lagrou (1998) — é complexo e não encontra plena expressão nas palavras ‘_alma’, ‘_fantasma’ ou ‘_espírito’, apesar de poder ser traduzido por estes termos dependendo do contexto. O corpo humano é habitado por vários tipos de yuxin: o yuxin do olho (expressão do yuxin kuin, o mais vital dos yuxin de uma pessoa), do corpo (a sombra), das fezes, da urina. O corpo acordado e saudável está com todos os seus yuxin presentes.

Yuxibu – Grande espírito, todas as coisas da natureza tem, a floresta, a água a terra, pode ser para o bem ou para o mau.

Kenes - Grafismo ou desenho *huni kuin* feito do jenipapo e urucum.

Yube – Cobra jiboia encantada, a dona do kene.

Banu e Inani- Mulher *huni kuin* (Tem os clãs, que será pesquisa de outro trabalho).

Aibu – É como chamamos as mulheres em Hãtxa kuim

22 ² Grupo *Kayatibu* – São Jovens Artistas do canto da dança que moram na cidade do Jordão-Ac.

Kupixawa – Casa grande no centro da aldeia servi para reuniões, rituais do *nixipaem* e festas

Kãtxa nawa – Festa onde se canta e dança o Mariri.

Nixipaem – Chá do cipó do Jagube e da folha Chacrona, faz parte de todos os rituais de cura e das festas.

Caiçuma – Bebida feita da macaxeira, tem teor alcoólico.

Yubesheni – *A malha da jibóia.*

Txanas – *Cantadores e contadores de história do povo, em noite de ritual ficam horas contando suas histórias para os mais jovens.*

Hatxakuin – *Lingua do tronco linguístico Pano, presente em toda Panamazônia.*

Samauma - *Árvore gigante da Amazônia, é sagrada para os indígenas.*

*Os **Huni Huin** que quer dizer gente verdadeira, também denominados *Kaxinawa*, pertencem ao tronco linguístico Pano que habita a floresta tropical no leste peruano, do pé dos Andes até a fronteira com o Brasil, no estado do Acre e Sul do Amazonas e atualmente a etnia com o maior índice populacional.

AGRADECIMENTO

Ao **Francisco Apurinã**, doutorando em Antropologia Social, Departamento de Antropologia -DAN

REFERÊNCIAS

1. Dias, J.A.B.F. 2000. “Arte, arte índia, artes indígenas”. In Mostra do redescobrimto, Brasil 500 anos é mais. Vol. Artes Indígenas. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo. 2000.
2. Lagrou, E.– “L’art des indiens du Brésil. Alterité, ‘authenticité’ et ‘pouvoir actif’”. In: Brésil indien, les arts
3. Turner, V.W. The anthropology of performance. New York: PAJ Publications. 1988.
4. Schechner, R. Between theater and anthropology. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1985.
5. WEBER, Ingrid. 2006. Um copo de cultura: os Huni Kuin (Kaxinawá) do rio Humaitá e a escola. Rio Branco: Edufac. 255pp.
6. SALES, José Osair. Centro de Memória dos Rios Yurayá e Tarayá/José Osair Sales, Andréa Martini, Deodato Maia Kaxinawa – 1. Ed.- Jordão,Ac, ASKARJ, ASKARJ, 2010.36 p
7. Müller, Regina Polo, A ARTE DOS ÍNDIOS E A ARTE CONTEMPORÂNE.

8. CRUZ, Tereza Almeida; FERREIRA, Paulo Roberto Nunes Ferreira (orgs). Retrato Cultural dos Katukina, Kaxinawa, Shanenawa, Jaminawa e Manchineri. Rio Branco, Acre: Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour, 2004. 131p.

9. História Indígena / Joaquim Paulo Maná Kaxinawa...{et.al.} – [Acre]; Comissão pró-Índio do Acre, [199-] 243,; il. 1: Cultura Indígena 2. Educação Indígena.

10. Miyui Mimã Kene-A História da Arte de tecer, 1ª Edição – Rio Branco 2000. Comissão Pró-Índio do Acre.

11. Ribeiro, Darcy- O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil/Darcy Ribeiro – São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

Entrevistas: Erundina Sales Kaxinawa 74 anos 2008 a 2017, Raimundinha Sales Huni kuin 34 anos 2008 a 2019, Terezinha Kaxinawa 28 anos 2014, Ozelia Sales Kaxinawa 72 anos, 2014, Irene Macário Kaxinawa 56, 2014, Rita Sales 24 e Edilene Sales 22 2014 a 2018. Antonio Pinheiro kaxinawa-Jordão-Acre 2007. Agostinho *Ika Muru – Pajé do povo Huni kuin, Jordão-Acre “In memória”, 2010.*

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

I

Indígenas Karipuna 258

L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

O

Oralidades 119

P

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

R

Resistências 90, 132, 144, 271



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020